



Título: Moção em defesa da Paz e contra a crescente corrida armamentista em escala mundial

Destinatários: Sociedades científicas do Brasil e de outros países, Parlamentares, Ministério de Relações Exteriores, Ministério da Defesa, Agência Internacional de Energia Atômica e Unesco.

Texto: “Em julho de 1955, foi divulgado um manifesto pela paz e contra o uso de armas nucleares, liderado por Bertrand Russel e Albert Einstein, assinado por inúmeros cientistas de destaque e apoiado por milhares de pessoas no mundo todo. O manifesto teve uma importante repercussão junto à opinião pública, à ONU e aos governos e trazia uma conclamação aos cientistas e ao público: “Em vista do fato de que, em qualquer guerra mundial futura, armas nucleares certamente serão empregadas e que tais armas ameaçam a existência continuada da humanidade, instamos os governos do mundo a reconhecer, e a expressar isto publicamente, que seus objetivos não podem ser alcançados por meio uma guerra mundial, e nós os exortamos, consequentemente, a encontrar meios pacíficos para a solução de todas as questões de disputa entre eles”.

Nas décadas de 1950/60, a comunidade científica mundial, apoiada pela opinião pública, teve êxito em sua campanha pelo banimento dos testes nucleares sob a água, na atmosfera e na superfície da Terra. Cientistas e sociedades científicas brasileiras participaram destes esforços. Na Constituinte de 1987, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, a Sociedade Brasileira de Física – SBF e muitas outras entidades se mobilizaram com êxito para que houvesse, na Constituição Federal, a proibição das armas nucleares. Nas duas décadas seguintes, a mobilização de cientistas brasileiros e argentinos conduziu à assinatura de tratados que foram essenciais para manter a América do Sul livre dessas armas. No entanto, não se conseguiu o banimento geral das armas nucleares, nem impedir a sua produção em diversos países do mundo. Apesar de esforços para sua diminuição, o número delas em todo o mundo é absolutamente alto. Em particular, EUA e Rússia possuem juntos cerca de 11.000 armas nucleares operacionais. Além disso, recentemente foram desenvolvidas novas tecnologias para o lançamento dessas armas, como os mísseis hipersônicos.

Hoje os riscos de uma guerra nuclear voltam a assombrar o mundo. A situação atual é muito perigosa, em particular aquela decorrente da guerra na Ucrânia, que já matou milhares de pessoas, levou a um imenso fluxo migratório e gerou altas tensões entre países possuidores de armas nucleares. É relevante lembrar que as armas modernas, que matam com “eficiência” nunca vista, são provenientes também de resultados científicos e tecnológicos e do trabalho de cientistas e técnicos.

O perigo de uma escalada das hostilidades em relação ao uso de armas nucleares é evidente e sério. Tensões se avolumam também em outras partes do mundo. Toda a arquitetura de segurança, baseada na Carta das Nações Unidas e em tratados multilaterais e bilaterais e outros arranjos, está ameaçada. É fundamental que todos os países busquem trabalhar juntos pela paz e para compensar os impactos globais desta guerra. E não há outra perspectiva promissora à vista, que não seja uma solução pacífica.

O enorme crescimento na corrida armamentista, com o grande aumento dos orçamentos de muitos países para defesa, leva à redução de recursos para a educação, saúde, C&T, meio ambiente etc. Enquanto isto, escasseiam recursos para o combate à fome, que grassa em



Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

inúmeros países, e às doenças e pandemias que atingem milhões de pessoas no mundo. Por outro lado, o urgente enfrentamento das mudanças climáticas encontra-se fortemente afetado pela guerra e pelas consequências dela decorrentes. Ampliam-se também os preconceitos, exacerbados pela situação, como aqueles que discriminam cientistas, artistas e outras pessoas por suas origens nacionais, étnicas ou culturais.

O objetivo principal da ciência deve ser defender e proteger a vida e não acarretar a morte. Os cientistas devem estar conscientes e se manifestar contra a utilização dos conhecimentos que produzem e que estão sendo usados para gerar a morte em grande escala e que ameaçam a sobrevivência da Humanidade e de outros seres vivos. A Assembleia Geral da SBPC afirma a importância de os cientistas voltarem a debater, a se manifestar e a influenciar autoridades e governos na adoção de ações que defendam a paz e que contenham a corrida armamentista acelerada que assola o mundo neste momento. Retomemos o apelo do manifesto Einstein-Russell: “Apelamos como seres humanos aos seres humanos: lembre-se de sua humanidade e esqueça o resto”!

Brasília, 28 de julho de 2022.”